

Maffesoli, M. Carl Gustav Jung e a pós-modernidade: da ultrapassagem hegeliana (*aufhebung*) à integração junguiana

## **Carl Gustav Jung e a pós-modernidade: da ultrapassagem hegeliana (*aufhebung*) à integração junguiana<sup>1</sup>**

### **Carl Gustav Jung and postmodernity: from hegelian overdrive (*aufhebung*) to jungian integration**

### **Carl Gustav Jung y la posmodernidad: de la superación hegeliana (*aufhebung*) a la integración junguiana**

Michel Maffesoli<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este artigo aborda a relação da Psicologia Analítica com a pós-modernidade a partir de três pressupostos e consequências: superação do individualismo epistemológico, a progressividade a partir da tradição e colocar em xeque a fé na razão soberana. Para tanto, algumas noções de Jung são fundamentais nesse processo: compensação, sombra e intersignos. Essa passagem do conhecimento pautado no corte para concepções holísticas caracteriza o imanentismo epistemológico, que aponta para a superação da Educação pela iniciação, do domínio da natureza para a ecosofia e da lógica da não contradição para a lógica do contraditório, de pessoas plurais.

**Palavras-chave:** Psicologia Analítica. Pós-Modernidade. Tradição.

#### **Abstract**

This article addresses the relationship of Analytical Psychology to postmodernity, from three assumptions and consequences: overcoming epistemological individualism, progressivity from tradition and putting faith in sovereign reason in check. Therefore, some notions of Jung are required in this process: compensation, shadow and intersign. This passage from court-based knowledge to holistic conceptions characterizes epistemological immanentism, which points to the overcoming of education through initiation, from the domain of nature to ecosophy and from the logic of non-contradiction to the logic of the contradictory, of plural people.

**Keywords:** Analytical Psychology. Postmodernity. Tradition.

#### **Resumen**

Este artículo aborda la relación de la Psicología Analítica con la posmodernidad, a partir de tres supuestos y consecuencias: superar el individualismo epistemológico, la progresividad de la tradición y poner a prueba la fe en la razón soberana. Con este fin, algunas nociones de Jung son fundamentales en este proceso: compensación, sombra e intersign. Este pasaje del conocimiento basado en la corte a las concepciones holísticas caracteriza el imanentismo epistemológico, que apunta a superar la educación a través de la iniciación, del dominio de la naturaleza a la ecosofía y de la lógica de la no contradicción a la lógica de lo contradictorio, de las personas plurales.

---

<sup>1</sup> Artigo oriundo da conferência de abertura do II Seminário Caminhos Junguianos: a travessia do Sussuarão, realizada em 11 de setembro de 2015, no anfiteatro do *campus* Dom Bosco da Universidade Federal de São João del-Rei. Tradução de Rodolfo Luís Leite Batista

<sup>2</sup> Professor Emérito da Sorbonne. E-mail: michel@maffesoli.org.

Maffesoli, M. Carl Gustav Jung e a pós-modernidade: da ultrapassagem hegeliana (*aufhebung*)  
à integração junguiana

**Palabras clave:** Psicología Analítica. Posmodernidad. Tradición.

Maffesoli, M. Carl Gustav Jung e a pós-modernidade: da ultrapassagem hegeliana (*aufhebung*) à integração junguiana

Agradeço a todos vocês pelo convite. Para mim, é uma experiência vir a esta cidade. São João del-Rei é longe, mas tenho muito prazer em estar aqui e espero que possamos discutir todos juntos a partir de agora. Vim aqui para participar do Seminário Caminhos Junguianos. A palavra *seminário* é interessante. Um seminário é lançar sementes. Um seminário não é dar soluções, mas colocar certo número de questões. É o que está, aliás, na verdadeira origem da tradição universitária. No século XIII, quando se começou a fundação de universidades (como a Sorbonne, na França, ou a de Bolonha, na Itália) se estabelecia algo que era contrário à escola catedrática, ou seja, contra a formação de funcionários. A ideia de universidade vem de *universitas*, é aquela ideia de colocar questões, de fazer perguntas... O segundo aspecto que muito me interessou é a ideia de caminho. Evidencio que, quando há mudanças e mudanças societais, é preciso voltar a se colocar a caminho. É o método, *methaodos*. É algo que não se basta, que não contém respostas, mas que coloca perguntas. Nessa perspectiva, retomo a ideia original de Aristóteles quando começa a pensar a Filosofia. Em grego, ele diz que é preciso colocar questões e problemas de uma maneira bela; a palavra *aporia* (que existe também em língua portuguesa) designa problemas para os quais não se tem verdadeiramente respostas. Para mim, é isto: o colocar-se a caminho. Regularmente, a cada três ou quatro séculos, quando uma época se acaba, é preciso recolocar as questões. A palavra *época* também vem do grego e quer dizer parênteses. Um parêntese se abre e um parêntese se fecha. Para mim, o parêntese da modernidade está se fechando. Então, talvez seja por isso que eu vim aqui.

De certa maneira, Jung nos permite pensar aquilo que hoje está sendo elaborado: a pós-modernidade. O inconsciente coletivo é certamente uma alavanca metodológica para isso. Compreenderemos o que está acontecendo hoje somente a partir de um colocar-se a caminho tal como proposto pelo pensamento junguiano. Antes de entrar no cerne do tema, cada um tem suas obsessões (obsessões honestas, com certeza, não é?). Minha obsessão teórica é a temática do imaginário, ou seja, o lembrar-se de algo por meio de um esforço simples. Desde seu nascimento, nossa espécie animal só existe porque ela fala de si. É preciso dizer aquilo que se é. É isso o imaginário. Com certeza, há termos científicos que expressam o que acabo de falar: destaco o termo *episteme* proposto por Michel Foucault (2007), que é simplesmente o conhecimento que se tem sobre si mesmo. Em grego, há duas palavras para definir conhecimento: teoria, o conhecimento puro; e *episteme*, o conhecimento que se aplica. Quando Foucault insiste na ideia de *episteme* é porque, simultaneamente: (i) somos o que somos; (ii) dizemos o que somos; (iii) aplicamos aquilo o que somos.

Há sempre uma *episteme* dominante e Michel Foucault dá uma série de exemplos disso: no início da nossa tradição cultural, a tradição greco-latina, a *episteme* dominante é a mitologia. Frequentemente, a interpretação que se tem da mitologia é a de uma organização da cidade correlativa à explicação mitológica. Por exemplo, Atenas tinha uma interpretação da mitologia que é a vida ateniense; Esparta tinha outra interpretação da mitologia que é a vida espartana. Não é preciso ser um grande historiador para saber que há uma grande diferença entre a vida ateniense e a vida espartana. A partir da mesma mitologia se dão coisas diferentes: é isso a *episteme* (ou é simplesmente isso o imaginário). Somos

determinados por certa maneira de pensar. Eu falei de *episteme*, mas outro exemplo é o de paradigma proposto por Thomas Kuhn (2007). A metáfora dada por Thomas Kuhn para explicitar o que é o paradigma é a de uma matriz. A matriz pode ser fecunda, mas também pode se tornar infecunda. Esse é um ponto sobre o qual devemos insistir, porque somos tributários da vida do espírito. Em outros termos, do inconsciente coletivo. Para dizer tudo isso de uma maneira muito simples, trata-se de um problema de clima. Seja clima no sentido estrito ou clima no sentido espiritual. Vocês sabem bem que o clima muda a cada três ou quatro séculos; há uma mudança climática e é este o momento histórico que vivemos hoje.

Na realidade, é preciso saber falar sobre isso. Com certeza, na minha tradição que é a francesa, me lembro de Albert Camus (2006, p. 908): “Nomear mal as coisas contribui com a miséria deste mundo.”<sup>3</sup> Encontrei uma frase semelhante e muito bonita em Guimarães Rosa (1994, p. 245): “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo.” A palavra guardada, conservada, é uma palavra que vem de longe, de nossa tradição, e que vai abrindo seu caminho ao longo do tempo. É a partir da palavra *conservar* que se tem a ideia de tradição. Em latim, tradição vem de *tradare*, transportar algo comigo, e é a partir disso que se faz o caminho. A agricultura é isso; a ideia de tradição tem a ver com o fazer o caminho no chão, com o arar a terra. Vejam, então, do que se trata, de onde vem a noção de seminário: jogar no campo algumas sementes e, somente a partir disso, é possível acontecer um

verdadeiro florescimento das coisas. Com isso, não estou falando da grande ideologia moderna do desenvolvimento, mas sobre a ideia de um *enveloppement*,<sup>4</sup> como se estivéssemos tomados por alguma coisa. Para mim, essa é a grande mudança epistemológica que ocorre hoje. Eu me pergunto se as instituições (inclusive as universidades) são capazes de pensar esse *enveloppement*, de pensar a ideia de tradição, porque estamos bestamente enrolados nessa noção de desenvolvimentismo e de progressismo.

Essa é a reflexão que gostaria de trazer sobre o imaginário: minha definição bastante simples é a de que se compreende o real pelo irreal. Ou seja, compreende-se o real a partir do espírito (talvez mesmo a partir da alma). É essa a ideia hegeliana de *Zeitgeist*, de espírito do tempo ou de atmosfera mental que pode mudar – mais ou menos (Hegel, 1999). Estamos em um desses momentos de saturação.

Pessoalmente, gosto bastante dessa palavra: saturação. É como acontece numa saturação química: as diversas moléculas que compõem um dado corpo não podem mais ficar juntas e há uma desestruturação, um divórcio, uma desconstrução. Ao mesmo tempo, as mesmas moléculas se juntam e vão compor outro corpo. É essa a ideia de saturação. Para falar de um modo simples: o fim de um mundo não é o fim do mundo. Há, pois, um processo de recomposição que está em vias de acontecer e a grande ideia ou o grande conceito junguiano para compreender isso é o de compensação (Jung, 2011a). Quando algo não está funcionando muito bem, há uma nova composição que se constrói e é isso o que é vivido desde o passado. Já fiz referência a isso quando

<sup>3</sup> Mal nommer un objet, c'est ajouter au malheur de ce monde.

<sup>4</sup> Optou-se pela manutenção do termo francês *enveloppement*. Dele, Maffesoli criará o

neologismo *enveloppementalisme* que pode ser compreendido como *envolvimento* e *envelopamento* (Nota do tradutor).

há pouco disse do grande progressismo que existe e, nesse momento, há um desnível entre o oficial e o oficioso, entre o dogmatismo (que é das nossas instituições) e o oficioso (da vida cotidiana, daquilo que é vivido de forma simples e banal). Então, esse vivido deve ser pensado – é essa a ambição da universidade e de qualquer pensamento. Para tanto, é preciso abandonar algumas certezas para compreender bem esse borbulhamento. É também por isso que sou fascinado pelo romance de Guimarães Rosa, porque ele nos traz isso. Para mim, é isso o método. É isso o colocar-se a caminho.

Agora vamos ao quadro semântico – para usar uma palavra mais chique. Se eu tivesse um quadro aqui, eu escreveria para vocês que nos é possível compreender o neótipo somente pelo arquétipo. O real, a partir do inconsciente. Eu friso: o real, não a realidade. O princípio de realidade é sempre de realidade econômica, de realidade política, de realidade social ou qualquer outra. O real é prenhe do irreal, de fantasmas, de fantasias, de fantasmagorias; o mito é isso. É esta a definição que proponho para vocês: o real é rico de irreal. Somos o que é, fundamentalmente porque sonhamos e o sonho não é individual; trabalhamos no sonho coletivo. É essa a relação ou, dizendo em termos científicos, a dialogia existente entre o neótipo e o arquétipo. O mundo dos arquétipos é o mundo dos mitos, das lendas e dos contos; é o politeísmo de valores; é o paganismo. O paganismo é do catolicismo também, meu caro amigo. Para mim, os católicos, aliás, os verdadeiros católicos, são pagãos. Eles têm um culto da diversidade que é bastante interessante, como evidência o culto da Virgem Maria, por exemplo. É isso o que tenho chamado de paganismo difuso. Eu chamei isso de transcendência imanente (Maffesoli, 2010). Não se trata mais de um deus

distante, mas um sacral (sacramental). É isto: uma transcendência imanente, a encarnação do divino. Dizendo isso de maneira mais sofisticada, quando o ser infinito permanece como ser infinito e não se torna o ser nominal. O ser infinito é o verbo ser ou estar; o ser nominal é quando se nomeia o ser. Um exemplo de nominalização é quando a deidade se torna Deus. A nominalização que fizemos do ser é tardia; a isso chamo de imanentismo epistemológico. Acredito que devemos permanecer no infinito, no termo ser. De minha parte, penso que devemos ficar no ser infinito, no verbo ser-estar. Essa é a perspectiva junguiana, essa é minha perspectiva.

Então, retomando essa discussão com uma palavra mais comum, eu falaria em holismo. Holismo vem do grego *holos* e quer dizer *o todo*. Isso quer dizer uma interação que se estabelece entre as diversas realidades da vida. É bastante difícil pensar sobre isso porque nosso cérebro é reptiliano, é de separação. Gilbert Durand (1997) fala do princípio de corte e existe, na longa duração, ilustrações desse princípio: para começar, o primeiro capítulo do Gênesis e o versículo segundo, o qual Deus separa a luz das trevas, *divisit lucem a tenebris*. Eu diria que esse versículo é a inauguração do princípio de corte. A partir disso, vai se estabelecer o grande conceito freudiano de *Spaltung* (Freud, 1996), o corte entre a natureza e a cultura, entre o corpo e o espírito, entre o material e o espiritual etc. É esse o princípio de corte. Por isso fiz questão de frisar a questão do cérebro reptiliano. Podemos pensar apenas a partir da separação.

Com isso, me parece que voltar à vida cotidiana (que é também o método junguiano, que é o colocar-se a caminho de Jung) possibilitará a ultrapassagem desse princípio de corte em direção a um princípio de reversibilidade.

Encontremos uma palavra para falar sobre isso, eu diria: interação. Veremos como, de diversas maneiras, existe esse ser infinitivo, esse algo que permite que não se pense mais a partir dessa noção de corte. E se compreendermos bem essa ultrapassagem do princípio de corte, estaremos, ao mesmo tempo, no holismo tradicional, no colocar-se a caminho junguiano, e no vivido pós-moderno. Notem que eu digo vivido, algo que está longe do pensado. Dentre vários exemplos possíveis, apresento três pressupostos e três consequências.

O primeiro pressuposto é a superação do individualismo epistemológico. Na grande tradição moderna (por moderno, compreendo a grande tradição semítica e ocidental), vê-se elaborar o que denomino de individualismo epistemológico, o cartesianismo, o *cogito ergo sum*. Todas as formas latinas são bastante interessantes e essa expressão aponta que eu sou o governador da minha fortaleza, do meu espírito, do meu cérebro. É essa fortaleza do espírito que vai estabelecer uma espécie de contrato social que existe entre as diversas fortalezas. O vínculo social é uma ligação de fortaleza a fortaleza.

Individualismo epistemológico e Reforma Protestante. O que é a Reforma Protestante? O texto sagrado é traduzido em língua profana, ou seja, não há mais necessidade de um clérigo que interprete o texto e cada um tem sua própria relação com seu deus. Isso é o individualismo religioso. Em um terceiro momento, o individualismo político. A Filosofia das Luzes: nessa perspectiva, dois livros de Jean-Jacques Rousseau são interessantes: o *Emílio* (que é o romance da Educação) (Rousseau, 2004). Nele, a criancinha é educada, isso quer dizer que ela é retirada de sua condição e se torna um indivíduo autônomo. A palavra autônomo (em grego *authonomos*) quer dizer que eu sou minha própria lei,

quando sou capaz de produzir minha própria lei. Vem daí *O Contrato Social* (Rousseau, 1996), o segundo livro. Posso fazer a história do mundo, a história da sociedade. É isso, então, o individualismo epistemológico – é o fundamento do contrato social, da Psicologia, da Sociologia, do vínculo social em geral.

Michel Foucault nos mostrou que esse é o fundamento de todas as instituições que surgiram ao longo do século XIX. Então, é contra isso que estamos em via de elaborar um processo de dessubjetivação, o inconsciente coletivo. Para isso, eu retomo mais uma vez uma citação de Guimarães Rosa (1994, p. 52): “jagunço é um homem já meio desistido por si.” Isso quer mostrar a importância do nós, do grupo, da comunidade. Eis a metáfora que propus da tribo (Maffesoli, 1987).

A consequência desse primeiro elemento, para mim, é o esgotamento do caminho educativo ou pedagógico. É sempre o eterno problema de toda espécie animal: como vamos socializar a energia juvenil? Como vamos integrá-la? Como vamos castrá-la? Como vamos integrar a energia sem castrá-la demais? A Educação é uma dessas socializações e, sob o meu ponto de vista, há uma saturação da Educação. A crise de todas as instituições educativas demonstra isso. Não sei como essa questão está no Brasil, mas na França a crise da Educação é algo bem forte. Lá, a Educação não funciona mais.

Em certo sentido, a pedagogia vem de pedofilia. Vem de uma forma perversa. Quando uma fórmula não está em congruência com o espírito do tempo, ela se torna perversa. Mas existe uma segunda fórmula de socialização: a iniciação. A Educação pressupõe a ideia de que eu, como educador, vou impor algo vindo de fora. A iniciação é o contrário, ela vai fazer sair aquilo que já está lá. A iniciação vai se fazer a partir

daquilo que é inicial, a tradição. E nisso para mim está a mudança, a transformação: não é mais a partir da imposição educativa de algo vindo do exterior, mas, ao contrário, o retirar o tesouro que já está lá. Nisso está a verdadeira mudança que está acontecendo: o mestre não vem antes, ele vem depois, quando o discípulo, com certeza, já está pronto.

O segundo pressuposto, ao qual voltarei mais adiante, é o seguinte: não estamos no simples sentido acumulativo do progresso. Gostaria de fazer uma distinção entre progressismo e progressividade das coisas, porque esses termos mostram concepções distintas de tempo. No progressismo, a humanidade parte de um ponto A de barbárie e chega a um ponto B de civilização: ordem e progresso. Isso é tipicamente o século XIX, mas não deixa de ser simpático e não podemos desprezar isso, pois é esse mito progressista que ocasionou toda a devastação do mundo; a tragédia ecológica nos mostra isso muito claramente. A progressividade é outra coisa: é aquilo que vai se elaborar a partir de raízes. Não é mais a flecha do tempo progressista, mas a espiral. Mais uma vez, isso remonta à tradição e a certo tipo de ecossistema, um tipo de sabedoria da casa comum (Maffesoli, 2017). Isso quer dizer que se cria um novo tipo de relação com a natureza. Não mais uma relação de dominação, de exploração, não mais uma relação de desenvolvimento, mas de envolvimento, de *enveloppement*. Eis aí o segundo pressuposto: o elemento da tradição.

O terceiro pressuposto e a terceira consequência: o colocar em xeque a fé na razão soberana. Vemos esse trabalho de Schelling a Jung, e que encontramos também em Michel Foucault, Gilles Deleuze e Gilbert Durand: um diferencialismo, não mais uma lógica de identidade, não mais um universalismo. Ou seja, não mais a

lógica da não contradição. Quando renunciamos de várias maneiras à lógica de que A não pode ser não A. É essa a lógica da não contradição. Então, pode existir outra lógica, chamada lógica do contraditório (e... e..): eu sou isso E aquilo. O poeta Rimbaud diz isso de uma forma muito bonita quando afirma que eu posso ser isso E aquilo. É isso o contraditório e é isso que está em vias de se modificar hoje em dia. Não mais um indivíduo uno (indivíduo quer dizer indivisível), mas uma pessoa plural. Que pode ser isso, aquilo e aquilo outro. É isso que chamo de colocar em questão a razão soberana.

O fundamento desses três pressupostos é nossa relação com a temporalidade. Digo frequentemente a meus alunos que só podemos compreender uma sociedade se a entendermos em sua própria temporalidade. E nossa grande temporalidade é Cronos, um tempo evolutivo, o progressismo. Enquanto, em Jung, existe a noção de Aion, o tempo imóvel, da noção de duração proposta por Bergson, são os arquétipos. Ou seja, para finalmente dizer que a relação é invariável: enquanto o tempo passa, há algo que não muda. Para Heidegger (1988), *o tempo ele mesmo inteiro em seu desdobramento não se move, ele é imóvel*. É isso o *enveloppementalisme*. Em francês, essa palavra é um neologismo que é difícil para traduzir em português. Para fazer referência mais uma vez a Guimarães Rosa, com uma imagem muito bonita: *o jagunço é o filho do instante*. Estamos no coração do pensamento fenomenológico husserliano e heideggeriano, o *dasein*, ser-aí e ser-o-aí. E ser ao mesmo tempo o ser desperto. Eis, para mim, aquilo que é o presentismo – essa é outra maneira de compreender o tempo que não aquela futurista, longínqua, progressista. Em outras palavras, pensar a partir das raízes psicológicas, fundamentalmente. É isso

que fez regularmente o pensamento da Renascença e que eu diria que é a ideia de compensação junguiana, principalmente.

Bom, não estamos mais em uma sociedade perfeita, mas em uma ideia de completude. Fundamentalmente, na ideia de inteireza do ser e, nisso, encontramos a noção junguiana de sombra. Não mais o “ou...ou...”, mas “e...e...”: o claro e o obscuro da existência, fundamentalmente. A mais bela expressão de Carl Gustav Jung: *Nicht 'raus sondern durch*; não mais para além, mas através. E isso é a sombra. É nisso que está, para mim, o teorema fundamental da pós-modernidade. Em termos retóricos, é o oxímoro. Um exemplo de oxímoro é a “obscura claridade” ou “o negro sol do desejo”.

Penso que essa mutação que acontece na atualidade e que está no coração da crise contemporânea. A crise não é econômica, a crise é societal, ela é a negação da falta espiritual causada pela abundância de consumo. No fundo, essa abundância de consumo cria uma falta espiritual. As atitudes paroxísticas e paradoxais. Nesse período de crise societal, o desenvolvimento do lúdico, do festivo em suas diversas modulações, é sintoma dessa recusa da falta espiritual. Quando não há nada de necessário, o supérfluo torna-se é importante. Notamos isso no livro *Psicologia e Alquimia*, de Jung (2011b), a partir da expressão intersigno. No esoterismo medieval, intersigno é a relação que se estabelece entre dois fatos totalmente contraditórios. É isso o intersigno. E, para mim, existe um intersigno entre o desenvolvimento lúdico e a crise econômica. E, a partir disso, é preciso voltar às raízes, aos arquétipos, aos encontros musicais e festivos, algo que remonte à cultura do instinto, àquilo que nos lembre que o animal humano também é um animal. É essa a ideia que está em *Psicologia e Alquimia*, o lúdico,

o festivo, a criança eterna. Para mim, isso é Dioniso, receber como uma criança o Reino de Deus.

Poderíamos continuar por horas essa conversa, mas vamos parar por aqui, nessa intemporalidade presente, o instante eterno daquele quadro semântico: arquétipo-neótipo; intemporal-presente; invariante-instante eterno. É isso que está para mim no coração da tradição junguiana: aquilo que vem no início, isso quer dizer aquilo que vem da mitologia, dos contos e das lendas, a busca do Graal. É essa busca do Graal que é o fundamento da iniciação e nisso, mais uma vez em Guimarães Rosa (1994, p. 45), “o irremediável extenso da vida”. De minha parte, eu chamei isso de reencantamento do mundo (Maffesoli, 2009).

## Referências

- Camus, A. (2006). *Œuvres Complètes* (Vol. II, pp. (1671-1682). Paris: Pléiade
- Durand, G. (1997). *Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2007). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. II, pp. 47-48). Rio de Janeiro: Imago.
- Heidegger, M. (1988). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.
- Hegel, G. W. F. (1999). *Filosofia da História*. Brasília: UnB.
- Jung, C. G. (2011a). *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2011b). *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes.



Maffesoli, M. Carl Gustav Jung e a pós-modernidade: da ultrapassagem hegeliana (*aufhebung*) à integração junguiana

- Kuhn, T. (2007). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Maffesoli, M. (1987). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maffesoli, M. (2009). *Le réenchantement du monde*. Paris: La Table Ronde.
- Maffesoli, M. (2010). *O conhecimento comum: introdução à Sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina.
- Maffesoli, M. (2017). *Écosophie*. Paris: CERF.
- Rosa, J. G. (1994). *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rousseau, J. J. (1996). *O contrato social*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Rousseau, J. J. (2004). *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 20/7/2019  
Aprovado em: 22/11/2019